



PERMANÊNCIA E ÊXITO NO ENSINO SUPERIOR DESDE A PERSPECTIVA DO ALUNO : ESTUDO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.

Rosângela Saldanha Pereira

Prof. Dra da Faculdade de Economia/Universidade Federal de Mato Grosso

e-mail: rosas@superig.com.br

INTRODUÇÃO.

O processo de globalização econômica, iniciado a partir das crises de regulação social de meados da década de 70, tem evoluído em espiral a partir da difusão de novas tecnologias da informação. Este processo afeta todos os terrenos da vida social, o que resulta em mudança rápida e imprevisível das instituições sociais e dos processos de socialização e construção da identidade das novas gerações.

As novas tecnologias de informação produzem na atualidade uma transformação nas formas de organização do trabalho e em consequência nas formas de exercício profissional dos graduados universitários. Ao mesmo tempo, a aplicação destas novas tecnologias nos contextos de aprendizagem mudará em breve as formas tradicionais de organizar a universidade (Barnett, 2000).

Béduwé e Planas (2002), destacam que cada vez há mais estudantes que preferem cursar a universidade em período parcial para combiná-la com o trabalho remunerado, ou que preferem uma participação semipresencial ou totalmente virtual acompanhados por uma orientação adequada. Ademais, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho tem influenciado na imagem e expectativas dos estudantes universitários em conseguir uma boa colocação com rapidez no mercado apenas com o diploma. Assim, muitos alunos tem buscado conciliar os estudos com o trabalho remunerado, com o objetivo de estar presente no mercado antes de concluir o curso, de modo a facilitar sua inserção posterior (Mc Innis, 2002; Masjuan y Otros, 2002; Aqu Catalunya, 2003).

Uma das consequências mais evidentes destas tendências indicadas, consiste em que a universidade deve aumentar consideravelmente seu conhecimento sobre os jovens universitários (Johnson y Deem, 2003), de modo a ajustar o seu funcionamento às suas



demandas e assim cumprir o mais eficazmente os objetivos que a sociedade democrática atribui a instituição universitária.

Com base neste marco, levamos a cabo a investigação sobre a evasão e permanência, desde a perspectiva do aluno, na Universidade Federal de Mato Grosso, no ano de 2010. O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de alguns dos aspectos investigados em relação aos fatores que influenciam a percepção de êxito dos estudantes. Adotamos como referencial o modelo de Herzberg (1959), desenvolvido para o mundo do trabalho, e adaptado por Masjuan (2005) à análise da situação dos estudantes universitários. Assumimos como hipótese de trabalho que a permanência e êxito nos estudos é uma função da percepção das condições e funcionamento do sistema universitário e das motivações internas do próprio estudante, por considerá-lo uma experiência interessante para sua trajetória vital (Cryer y Elton, 1990; Elton, 1996). Para aproximarmos da problemática da motivação partimos de duas dimensões clássicas: as motivações expressivas e as motivações instrumentais (Fernández Enguita, 1988). A seguir tratamos de apresentar a metodologia utilizada e os resultados encontrados.

I . Aspectos metodológicos e descrição das variáveis

Os dados foram obtidos a partir de uma investigação direta, realizada em junho de 2010, com uma amostra 230 alunos do primeiro e último ano de cursos selecionados¹ do campus de Cuiabá, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Para medir a motivação para os estudos e a percepção do êxito nos mesmos, utilizou-se questionário com 3 perguntas com variáveis construídas para este propósito, mostradas a seguir.

Motivação: Quais os fatores foram relevantes na escolha do curso? (numerar de 1 a 5 segundo o grau de importância, onde 5 é mais importante e 1 menos importante)

- Expectativas de bom salário em uma profissão futura.
- Diversidade de oportunidades profissionais.
- Perspectivas de conseguir uma ocupação segura.
- Boas perspectivas de chegar a ser um executivo no futuro.

¹ Foram selecionados dez cursos de graduação em função da taxa de evasão, sendo 5 cursos com menor taxa (pedagogia, direito, medicina, engenharias florestal e civil) e cinco com maior taxa de evasão (economia, engenharia elétrica, geologia e comunicação social).



- Interesse específico pelas matérias do curso.
- Aptidões, vocações e capacidade pessoal.
- Opções estreitamente relacionadas com a profissão.
- Influência de pessoas/personalidade em sua decisão

Percepção do Ambiente: Como você avalia o seu curso em relação a:

1- muito ruim ; 2- ruim ; 3- regular; 4- bom; 5- muito bom

Itens	Pontuação
Relação entre preparação teórica e prática para a profissão	
Relação entre estudantes e docentes	
Introdução de novos métodos didáticos	
Relação entre ensino e pesquisa	
Orientação acadêmica especializada	
Grau de exigência do curso (avaliações, presença em aulas, participação em atividades extra-sala de aula, seminários, etc..)	
Programas de disciplina bem estruturados e articulados entre si	
Qualidade da formação acadêmica-profissional e competitividade em relação a outras instituições de ensino superior.	
Número de alunos em sala	

Percepção de Progresso: Como você se avalia o seu progresso em relação a:

1- muito pouco 2- pouco 3- regular 4- bom 5- muito bom

I. Progresso Pessoal	Pontuação
Desenvolvimento Pessoal	
Espírito crítico	
Cultura Geral	
Consciência e responsabilidade social	
Autonomia e independência	
Capacidade para resolver problema	
II. Progresso metodológico	
Metodologia, técnicas de trabalho e estudo	
Capacidade de organização e planejamento	
Capacidade de trabalhar em equipe	
III. Progresso Interdisciplinar	
Conhecimento além das disciplinas do curso e interdisciplinaridade	
Competências lingüísticas expositivas e participação em debates	
Capacidades práticas, referência	
IV. Progresso no Curso	
Conhecimento do próprio curso	
Capacidades práticas, referencial a profissão	

Capacidades intelectuais (pensamento lógico e metodológico)	
Capacidade de resolver problemas	

Utilizamos a análise de componentes principais para reduzir o número de variáveis e torná-las mais consistentes, e análise de variância e regressão múltipla para testar as nossas hipóteses.

II. Resultados e Discussão.

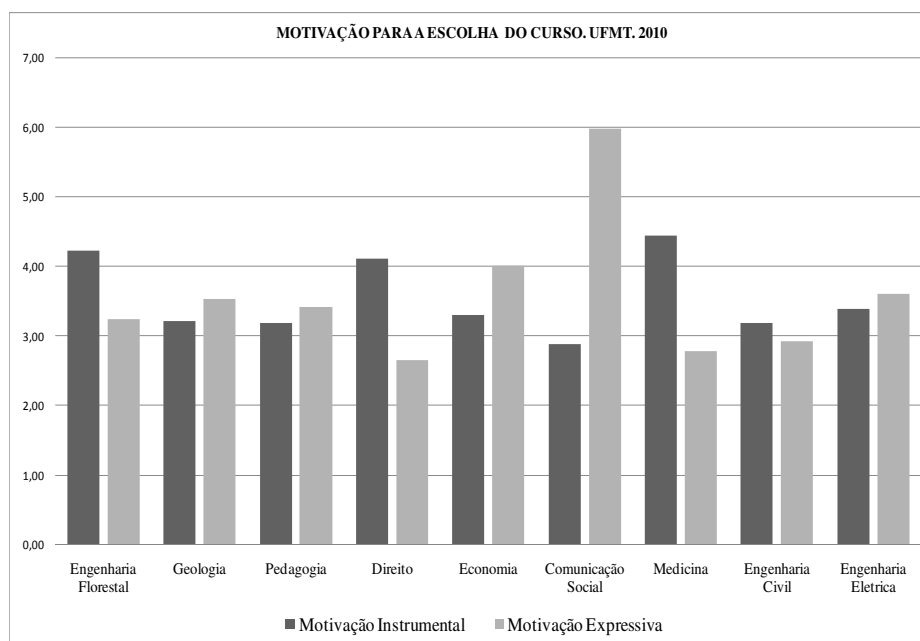
As motivações dos estudantes.

Para quantificar os fatores relevantes para a escolha do curso, adotamos uma pergunta do questionário com sete itens que foram reduzidos mediante análise fatorial em duas dimensões, de acordo com a proposta teórica, que em conjunto resumem 71% da variância dos dados. Partimos de duas dimensões clássicas para aproximarmos da problemática da motivação: as motivações expressivas e as motivações instrumentais (Fernández Enguita, 1988). A primeira identifica como motivos do ingresso no curso universitário o interesse pelas disciplinas e a confiança nas próprias capacidades, e a segunda, as oportunidades de bons salários e de promoção profissional.

O gráfico 1, mostra as motivações dos estudantes segundo o tipo por curso. Os resultados mostram que os alunos de Direito, Engenharia Civil, Engenharia Florestal e Medicina priorizaram os aspectos instrumentais na escolha da carreira, notadamente o aspecto financeiro (expectativa de bom salário no futuro), enquanto os demais, especialmente da área de humanas, levam em conta, fundamentalmente, os aspectos relacionados com os valores expressivos (elegem o curso por interesse nas disciplinas do curso).

Os alunos do curso de medicina e de engenharia florestal destacam-se por apresentar expectativas bastante otimistas acerca dos bons salários no futuro (90% dos entrevistados dos respectivos cursos, informaram que esperam bons salários), no outro extremo, temos os alunos dos cursos de pedagogia e comunicação social (cerca de 80% tem expectativa ruim de bons salários no futuro).

Gráfico 1.

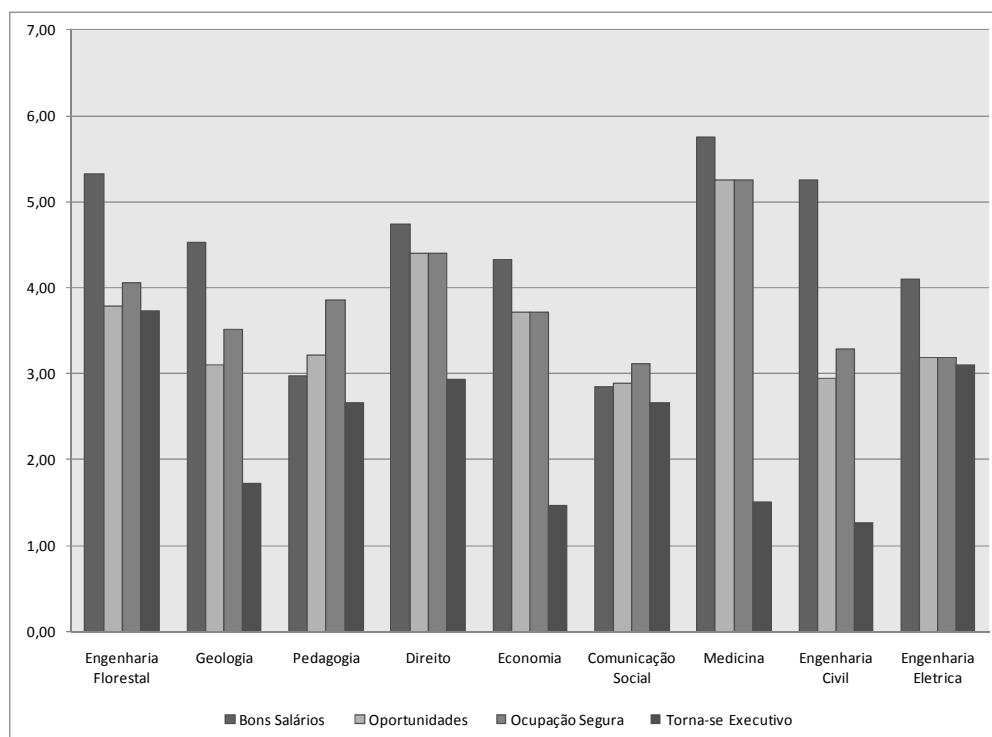


Comparando o tipo de motivação predominante para a escolha do curso e as taxas de evasão, constatamos que os cursos com predominância da motivação instrumental, cujos parâmetros são mais vinculados ao mercado, apresentam menores taxas de evasão vis-à-vis os cursos com predominância da motivação expressiva. Uma hipótese a ser testada em trabalhos futuros, seria a de que os estudantes com percepção positiva/otimista das possibilidades de inserção e de salários da carreira são mais estimulados a concluir o curso do que aqueles que selecionam o curso apenas com motivação expressiva.

A análise dos fatores componentes das motivações instrumentais, mostrados no gráfico 2, revelam que além dos bons salários, a perspectiva de uma ocupação segura é o segundo fator mais importante. No caso do curso de pedagogia e comunicação social este fator foi o determinante para a escolha do curso. Merece destaque a baixa prioridade em relação à perspectiva de se tornar um empreendedor ou executivo da área, especialmente nos cursos de medicina e engenharia civil.

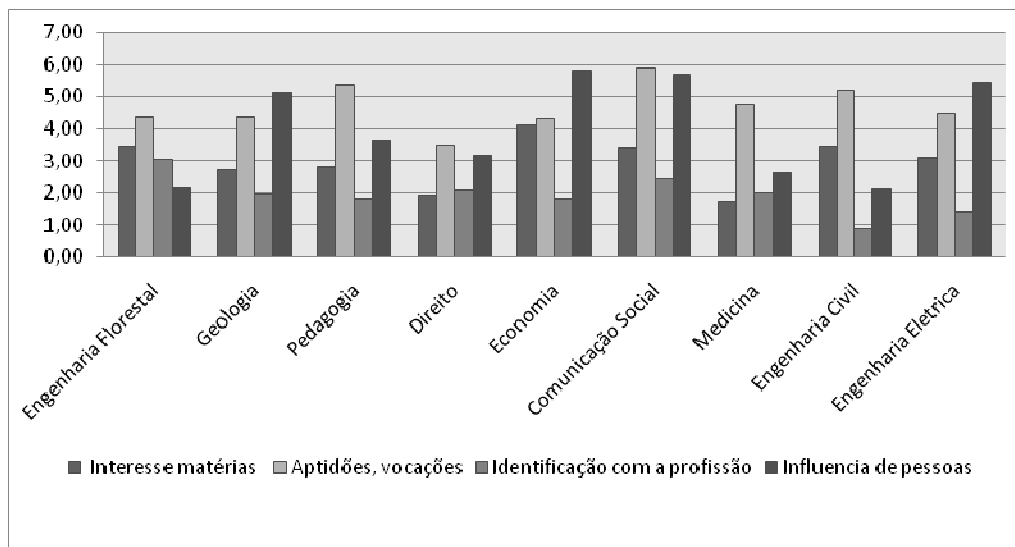
O gráfico 3, nos mostra o conjunto de indicadores que compõem a motivação expressiva dos estudantes. Podemos observar que as médias mais altas, após a questão salarial, encontram-se no fator vocação, aptidão, e curiosamente, a influência de pessoas na escolha do curso, é o terceiro fator mais importante para os estudantes.

**Gráfico 2 MOTIVAÇÃO INSTRUMENTAL. CURSOS SELECIONADOS.
UFMT. 2010.**



Portanto, as motivações variam por área de estudo, porém, são mais intensas na motivação instrumental do que na motivação expressiva. Ademais, a expectativa de bom salário no futuro, segue sendo a mais relevante para grande maioria dos cursos analisados, a exceção dos cursos de pedagogia e comunicação social, onde as motivações expressivas, especialmente, as relacionadas com a aptidão, vocação são as mais valorizadas pelos estudantes.

Gráfico 3. Motivação Expressiva. UFMT. Cursos selecionados. 2010



As condições de estudo na universidade

Para medir a percepção dos estudantes sobre as características dos cursos, utilizamos uma pergunta do questionário com nove itens que foram reduzidos mediante análise fatorial, da qual resultaram 2 macro-fatores, com valor maior que um, que resumem 49% da variância dos dados, quais sejam: estudos profissionalizados e práticos, e estudos especializados e exigentes.

Apesar do esforço das políticas de educação superior rumo a profissionalização, os alunos ainda percebem os cursos como especializados e exigentes. Cerca de 45% dos alunos entrevistados identificaram como ruim a relação entre a preparação teórica e prática. A interação entre ensino e pesquisa também é percebida como muito ruim pelos alunos, merecendo destaque os cursos de direito e medicina, onde 64% dos alunos identificaram como ruim. Em outro extremo encontramos o curso de pedagogia: 75% avaliaram como bom e ótimo a relação entre ensino e pesquisa no curso

Tabela 2. Percepção do ambiente de estudo. UFMT. Cursos Selecionados. 2010.

Curso	TOTAL
ESTUDOS PROFISSIONALIZADOS E PRÁTICOS	3,25
Boa Relação entre teoria e pratica profissional	3,38
Boa Relação entre estudantes e docentes	3,69
Introdução de novos metodos de ensino	2,88
Boa Relação entre Ensino e Pesquisa	3,04
ESTUDOS ESPECIALIZADOS E EXIGENTES	3,54
Número de alunos em sala	3,86
Qualidade da formação acadêmica-profissional e competitividade	4,01
Programas de disciplina bem estruturados e articulados entre si	3,03
Grau de exigência do curso	3,31
Orientação especializada	3,50

A variável que melhor caracteriza o ambiente de estudo a qualidade da formação e competitividade em relação a outras instituições de ensino superior, posto que é o único fator que chega a uma pontuação média de 4; entre os demais fatores que superam ao 3 , valor central teórico da distribuição, cabe destacar o bom relacionamento entre o professorado e os estudantes e o número de alunos em sala. A inovação de práticas de ensino de ensino, seguido da relação entre ensino e pesquisa, são os fatores mais vulneráveis nos cursos analisados, segundo a percepção dos estudantes. Os aspectos que mais se destacam na análise fatorial são que os alunos percebem uma melhor relação com os professores naqueles cursos com perfil mais profissionalizado e prático, com menos ênfase nas exigências; por outro lado, naqueles cursos mais especializados e exigentes, a qualidade da formação acadêmica e o número de alunos em sala, são os aspectos mais valorizados.

A percepção de êxito nos estudos

Para medir a percepção do progresso realizado na universidade, utilizamos uma pergunta do questionário com 14 indicadores. A partir de análise fatorial, temos reduzido a informação a quatro fatores (valor maior que 1) que resumem em 63% a variância. A tabela 3 mostra o valor médio de todos os fatores com os respectivos

componentes. A pontuação do progresso nos conhecimentos próprios da carreira (3,99) foi inferior á registrada para o de progresso pessoal (4,16) e o de progresso metodológico (4,08). A interdisciplinaridade é o indicador que apresentou menor progresso, especialmente na área de comunicação e expressão lingüística.

Tabela 3. Percepção do Progresso . UFMT. Cursos Selecionados. 2010.

Fatores	Valor Médio
PROGRESSO PESSOAL	4,16
Desenvolvimento Pessoal	4,22
Espírito crítico	4,01
Cultura Geral	3,95
Consciência e responsabilidade social	4,10
Autonomia e independência	4,25
Capacidade para resolver problemas	4,40
PROGRESSO METODOLOGICO	4,08
Metodologia, técnicas de trabalho e estudo	3,94
Capacidade de organização e planejamento	4,01
Capacidade de trabalhar em equipe	4,29
PROGRESSO INTERDISCIPLINAR	3,54
Conhecimento além das disciplinas do curso e interdisciplinaridade	3,69
Competências lingüísticas expositivas e participação em debates	3,39
Capacidades práticas, referência	3,55
PROGRESSO NA CARREIRA	3,99
Conhecimento do próprio curso	3,93
Capacidades práticas, referencial a profissão	3,64
Capacidades intelectuais (pensamento lógico e metodológico)	4,13
Capacidade para resolver problemas	4,26

Hipótese 1. Até que ponto a motivação para os estudos depende do sexo e da classe social?

Existe um acordo generalizado entre os sociólogos que os processos de socialização na infância geram hábitos diferentes segundo a classe social (Bernstein, 1990; Bourdieu, 1969). A socialização dos meninos e das meninas é também diferente em todos os contextos culturais e adquire matizes importantes segundo as tradições



familiares, muitas vezes associadas à classe social. Este tipo de hábitos, muitas vezes inconscientes, estruturam as preferências e motivações dos sujeitos sociais e, portanto, contribuem à definição da própria identidade.

A prevalência das estratégias instrumentais deveria ser mais frequentes nos alunos procedentes das classes populares, já que os valores de sua socialização primária são diferentes dos da cultura acadêmica e em muitos casos estes indivíduos podem ter sofrido uma forte pressão familiar para ir à universidade, considerada como um caminho de promoção ou como um mecanismo de defesa face a dificuldades na inserção profissional.

Contrariamente, entre os estudantes procedentes das classes médias profissionais e técnicas deveriam predominar as motivações expressivas ou uma combinação de ambas, como resultado mais coerente de sua socialização em um meio mais semelhante ao universitário.

Entre as mulheres deveria ser esperado forte presença das motivações instrumentais, já que os valores expressivos que muitas delas receberam ainda na socialização primária não correspondem com a valoração do estudo e da profissão. As jovens iriam à universidade respondendo à pressão social e a sua própria percepção da necessidade de mudar seu próprio papel na sociedade.

Os resultados encontrados na regressão revelam que origem social e sexo não mostram uma relação significativa com as motivações expressivas ou instrumentais, quando se mantém constante as áreas de estudo. Tal fato pode indicar que o filtro de acesso a universidade anula a importância que a personalidade, no caso gênero e socialização primária, poderia ter nas motivações. Masjuan (2005) estudando o mesmo tema para 3 regiões europeias, também não encontrou nenhum relacionamento entre origem social, gênero e motivações para os estudos e sugere que “los condicionantes de origen social de la socialización primaria han sido debilitados por los cambios en la estructura social, la influencia de la enseñanza media y de la cultura mediática actual” (Masjuan, 2005: 127).

Portanto, os jovens que conseguem êxito no ensino médio, organizam as suas preferências na universidade independentemente dos códigos associados ao seu pertencimento de classe social. Por outra parte, as mulheres, embora a sua socialização



primária não seja orientada para os estudos e a profissão, na escola secundária têm a oportunidade de ampliar a percepção destas capacidades e perceber a necessidade instrumental de estudar para conseguir mais autonomia na vida familiar e social.

Hipótese 2: Até que ponto o progresso nos estudos e permanência dependem da percepção subjetiva das condições de estudo e da motivação?

Assumimos neste artigo que a aprendizagem dos estudantes pode ser considerada como uma mudança de estado na sua personalidade e que pode ser explicado por dois fatores principais que se derivam de aplicar o modelo de Herzberg (1959), que foi pensado para analisar a mudança planificada no mundo do trabalho, à situação de estudar na universidade. O autor denominou a estes dois fatores «higiene e motivação» e considera que ambos são percebidos pelos indivíduos como independentes um do outro. A higiene refere-se às condições de trabalho, isto é, a como os indivíduos percebem o ambiente de trabalho e a qualidade do mesmo, e a motivação, ao envolvimento intelectual e emocional com o mesmo, isto é, às emoções internas que emergem nos indivíduos a partir da realização de um determinado trabalho e que são intrínsecas ao mesmo. Aplicado o modelo ao processo de aprendizagem, as condições de trabalho referem-se à boa organização e ao funcionamento do sistema universitário, e a motivação, ao envolvimento emocional e intelectual dos estudantes pelo fato de considerá-lo uma experiência interessante para a sua trajetória vital (Cryer e Elton, 1990; Elton, 1996).

Por conseguinte, assumimos como hipótese fundamental que o êxito nos estudos é uma função da percepção das próprias condições em que se realiza a tarefa de estudar e das motivações internas do próprio estudante.

Para contrastar a hipótese central da nossa investigação, adotamos um modelo de regressão linear que correlaciona os quatro fatores de progresso, as duas variáveis motivacionais e as duas variáveis que medem as condições de estudo. Os resultados são mostrados sinteticamente na tabela 5. Os dados mostram coeficientes de correlação débeis, embora estatisticamente significativos e na direção da hipótese proposta ao início da análise.

A motivação expressiva correlaciona-se positivamente com a percepção de progresso pessoal e no curso. Por conseguinte, naquelas titulações orientadas disciplinarmente e com maior exigência, requer-se para o sucesso um envolvimento maior dos alunos. Parece razoável igualmente que os alunos que menos gostam de estudar sintam-se menos adaptados à universidade e portanto considerem que tiveram menos progresso pessoal.

Os alunos percebem um maior progresso metodológico e interdisciplinar quando têm consciência que os estudos estão mais orientados para o lado profissional e prático. Os estudantes motivados instrumentalmente percebem melhor o seu progresso metodológico.

Tabela 5: Relação entre Percepção de Condições de Estudo, motivações e progresso. UFMT. Cursos Selecionados. 2010.

	Percepção de Progresso			
	Pessoal	Carreira	Metodológico	Interdisciplinar
R2 em distintos modelos	0,12; 0,13; 0,14; 0,15	0,24; 0,3;0,34;0,36	0,25; 0,29;0,31;0,31	0,31;0,31;0,32
Motivação Expressiva	0,04*	0,15*	-----	-----
Motivação Instrumental	-0,06*	-----	0,13*	
Orientação profissional	0,05*	0,12*	0,24*	0,31*
Orientação especializada	-0,12*	0,22*	0,09*	-0,05*

Notas:

- 1) Esta linha indica os distintos valores de R2 a medida em que são introduzidas as distintas variáveis.
- *) Relações com significancia estatística por volta de 95% de probabilidade.

Os estudos que são percebidos como mais especializados e exigentes se traduzem em uma percepção de maior progresso nesta direção. Os estudantes com um nível mais alto de motivações instrumentais são os que percebem mais negativamente o seu progresso pessoal. O mesmo acontece quando os estudos tendem a ter uma orientação especializada e exigente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A descrição das motivações dos estudantes mostra-nos as diferenças entre as áreas de estudo. Embora as origens e itinerários entre os estudantes sejam diferentes, quando um jovem elege uma carreira de pedagogia ou uma de economia, por exemplo, as suas preferências e expectativas em relação à universidade são significativamente diferentes.

A diferença mais importante entre as áreas estabelece-se a partir das motivações instrumentais, o qual indica que os estudantes que elegem determinados estudos como medicina, direito e engenharia percebem que as suas possibilidades e expectativas de inserção e de promoção são superiores. No extremo da importância atribuída aos valores expresivos, encontramos que um de cada dez estudantes mostra preocupação pelo seu futuro profissional.

Apesar da profissionalização dos estudos universitários ser uma das políticas impulsionada nas últimas décadas, observamos que predominam os estudantes que percebem os estudos eleitos como mais orientados para a teoria, e não para a prática de uma profissão. Este fato parece apontar no sentido de que as orientações das políticas educativas não tenham se traduzido em reformas dos planos de ensino, ou talvez o professorado universitário, na hora de aplicar as reformas na prática quotidiana, as recontextualiza segundo a sua própria tradição, experiência e recursos. Este processo assinalado por Bernstein (1990) deveria servir de alerta para todos os que acham que, uma vez desenhada uma reforma e traduzida em normas, começa a ter efeitos na prática social.

A análise da percepção por parte dos estudantes do progresso que realizam na universidade revela que o progresso nas disciplinas é muito superior que o progresso em competências transversais indispensáveis para o exercício de uma profissão e da incorporação da interdisciplinariedade das titulações.

Os dados também mostram a clara diferença entre a cultura de ciências e a cultura das humanidades, no sentido que os estudantes das áreas de Ciências manifestam que progrediram menos a nível pessoal que os das áreas mais humanísticas.



Particularmente relevante é o caso de Medicina, se tem-se em conta que se trata de uma profissão cujo exercício tem um claro componente humano.

Os resultados obtidos confirmam a hipótese inicial de que a percepção do progresso na universidade está condicionada pela motivação e as condições das titulações. De qualquer jeito, os resultados não são espetaculares e mostram que outras variáveis são também muito importantes e que os indicadores utilizados não são suficientes, ainda que necessários, para captar o fenômeno que se pretende medir. São questões subjetivas, posto que referem-se a percepções de realidades objetivas, como a organização dos estudos sobre as quais os estudantes não possuem elementos suficientes de contraste, e de fenômenos totalmente subjetivos, como a percepção do próprio progresso em diferentes situações relacionadas com a vida universitária. Trata-se, pois, de características muito complexas que não se deixam abarcar facilmente com as metodologias utilizadas e que se vêem afetadas pelo fenômeno da reflexividade. Isto é, pode ser que os estudantes percebam de uma maneira determinada a organização dos estudos precisamente porque consideram que progrediram nesta direção, o que cria um círculo vicioso no contraste da hipótese.

Abstraindo-se do problema metodológico indicado, existem alguns achados que podem orientar políticas curriculares nas universidades: foi possível confirmar que quando as carreiras estão mais orientadas para a prática profissional, os estudantes percebem que o seu progresso nas dimensões interdisciplinares, metodológicas e pessoais é superior.

Embora a relação seja débil, também foi possível constatar que para ter sucesso em uma titulação muito orientada pela teoria, que ademais costuma caracterizar-se pela exigência, é importante uma alta motivação expressiva o curso eleito, o qual faz parte da cultura acadêmica de sentido comum, mas sugere a necessidade de orientar aos candidatos a estes cursos, pois têm alta probabilidade de abandonar o curso se não estão muito motivados.

A outra hipótese do nosso estudo demonstrou ser falsa. Por uma parte, não existe nenhum relacionamento entre a origem social e as motivações para os estudos, o qual reforça a idéia que os condicionantes de origem social da socialização primária foram debilitados pelas mudanças na estrutura social, a influência do ensino médio e da cultura



mediática atual. A parte dos estudantes que conseguem um verdadeiro sucesso acadêmico na escola secundária, de maneira que podem orientar para a universidade com mais ou menos interesse, organizam as suas preferências independentemente dos códigos associados ao seu pertencimento de classe social.

Por outra parte, as mulheres, embora na sua socialização primária não sejam orientadas para os estudos e profissão, têm experiência na escola secundária da sua capacidade para os mesmos, em muitos casos superior aos dos seus parceiros homens, e percebem a necessidade instrumental de estudar para conseguir mais autonomia na vida familiar e social.

Referências bibliográficas.

BARNETT, R. (2000). «Supercomplexity and the Curriculum». *Studies in Higher Education*, vol. 25(3), p. 255-265.

BROWN, P.; SCASE, R. (1994). *Higher Education and Corporate Realities. Class, Culture and Decline of Graduate Careers*. Londres: UCL Press.

BEDUWÉ, C.; PLANAS, J. (2003). *Educational Expansion and Labour Marked*. Thessaloniki: Cedefop.

BERSTEIN, B. (1990). *La estructura del discurso pedagógico*. Madrid: Morata.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. (1969). *Los estudiantes y la cultura*. Barcelona: Labor.

CRYER, P.; ELTON, L. (1990). «Catastrophe Theory: a unified model for educational Change». *Studies in Higher Education*, 15-1, p. 75-87.

FERNÁNDEZ ENGUITA, M. (1988). «Yo no soy esto que tú te imaginas». *Cuadernos de Pedagogía*.

HADJI, Ch.; FERNEX, A.; LIMA, L. (2003). *Les étudiants de la Région Rhône-Alpes face a leurs études*. LSE, UPMF Grenoble (edición policopiada).

HERBERG, F.; MAUSER, B.; SNYDERMAN, B. (1959). *The Motivation to Work*. Nueva York: Willey.

JOHNSON, R.N.; DEEM, R. (2003). «Talking of Students: Tensions and contradictions for the manager-academic and the university in comtemporary higher education ». *Higher Education*, 46, p. 289-314.



MASJUAN, J.M.; (2005). “ Progresos em los aprendizajes, características de los estúdios y motivaciones de los Estudiantes”. Papers 76, p. 97-133.

MASJUAN, J.M.; TROIANO, H.; MOLINS, C. (2003). *Els estudiants universitaris davant dels seus estudis i el futur professional*. Aqu Catalunya (edición policopiada).

MCINNIS, CRAIG (2002). «Signs of Disengagement? Responding to the Changing Work and Study Patterns of Full Time Undergraduates in Australian Universities». En ENDERS, J.; FULTON, O. (eds.). *Higher Education in a Globalising World*. Dordrecht: Fluwer Academic Publishers, p. 175-191.

RODRÍGUEZ ESPINAR, S. (dir.) (2003). *Educació superior i treball a Catalunya*. Barcelona: AQU Catalunya.